



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefones 5339 e 5340

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A educação popular

Se examinarmos o esforço dispendido pelos vários Estados europeus e americanos no sentido de educar o povo, verificamos que a Rússia, após a revolução, se colocou no primeiro lugar. Vê-se que a colossal campanha contra o analfabetismo é dirigida com inteligência, obedecendo a um plano de educação grandioso. Sabemos que a Rússia não se encontra, por enquanto, numa situação económica invejável; que o Estado russo não é tão rico como o inglês ou o americano. Como se explica, pois, que a Rússia consiga dispendir tanto dinheiro com a instrução? É porque uma moral nova surgiu; é porque a instrução das massas trabalhadoras não vai prejudicar uma casta predominante. A burguesia e a aristocracia russas caíram do seu pedestal; elas eram o único dique que detinha as energias que no povo se encontravam; elas não tinham resistência tenaz a tudo que pudessem elevar o nível intelectual do povo. Agora a instrução desenvolve-se sem peias, e invade os recantos mais ignorados da Rússia soviética.

Nos estados capitalistas as forças burguesas continuam a querer que os povos sejam ignorantes.

Em Portugal, conseguem manter a ignorância popular, negando todo o auxílio às iniciativas particulares, ou concedendo-lhes uma ajuda irrisória, e descurando a montagem de estabelecimentos de ensino. Impede-se por todas as formas que a instrução avance. Nunca há dinheiro para educar o povo; há apenas para o embutecimento, obrigando-o a frequentar a caserna. Nos outros países mais adiantados, como Inglaterra, Alemanha, Suíça, etc., a tática é diferente. Dedicam ali os governos maior atenção aos assuntos educativos; porém essa educação assenta numa base falsa — a conveniência da burguesia. A moral burguesa infiltra-se no espírito dos estudantes, por intermédio de livros previamente preparados para ocultar certas verdades, para levar o estudioso a tirar da vida conclusões erradas, para o fazer respeitar um certo número de ídolos, que a própria ciência livre, pura, há muito fez em mil pedacinhos.

A escola, em Portugal, principalmente, é antipática à criança. E há muitos adultos que estudam por necessidade e não porque o estudo constitua prazer espiritual. De tal maneira a burguesia — refractária a todos os métodos modernos, de face encantadora e sugestiva para todos os temperamentos — revestiu o ensino de arestas desagradáveis e repelentes. Lembremo-nos bem que, quando éramos crianças, e ainda não conhecíamos a escola, nos entusiasmávamos a ideia de entrar num estabelecimento de ensino, onde aprenderíamos muitas coisas interessantes, onde resolveríamos a incógnita de muitos problemas da vida, que a nossa inteligência inculta não sabia explicar. Passados dois ou três dias de frequência escolar, depois de termos respirado o ambiente pesado da aula,

onde nos devíamos conservar sentados e calados durante horas sem fim, fingindo que estudávamos, revoltámo-nos e recusávamos continuar naquele suplício. A nossa família castigou-nos, julgando que fariamos o nosso bem, e só pela violência, pelo medo, frequentávamos durante anos e anos as escolas de onde saímos completamente ignorantes. As matérias ensinadas ministradas numa forma antipática, de palmatória em punho. Gozava-se dentro do edifício menos liberdade do que numa caserna. Havia horas para tudo: às tantas, aula de português; às tantas, de francês; ao meio dia, um curto intervalo para recreio. O recreio ocupava apenas a quinta ou sexta parte do tempo que se gastava nos estudos. Um regime destes pensando sobre crianças é uma barbaridade!

Tudo isto cria o ódio ao estudo, à instrução, como se esta tivesse culpa dos maus professores. A humanidade ainda considera a instrução como um sacrifício necessário, e nunca como um benefício desejado.

Na Rússia foi preciso castigar severamente os mandriões, os que se recusavam a aprender a ler; foi necessário obrigar homens a aceitar pela violência um benefício que tantos outros desejam possuir.

As massas estão estupidificadas, absolutamente desinteressadas da instrução. Colocadas entre um bom livro e um copo de vinho, preferem o vinho; entre uma revista pornográfica e uma peça de tese, escolhem a revista.

Sabemos que enquanto na sociedade portuguesa predominarem as forças capitalistas, a instrução nunca passará dum bela ficção. Agora o que já se pode ir fazendo é interessar um certo número de indivíduos por esses assuntos; já se pode ir eliminando do espírito do povo esse ódio ao ensino.

Temos em Lisboa um estabelecimento de ensino absolutamente moderno, cujo papel não pode ser por enquanto estudado certas verdades, para levar o estudioso a tirar da vida conclusões erradas, para o fazer respeitar um certo número de ídolos, que a própria ciência livre, pura, há muito fez em mil pedacinhos.

No entanto, o punhado de homens que a frente daquela instituição se encontra não desanimada. Procura captar por todas as formas as simpatias populares. A *Educação Popular*, órgão da Universidade, veio completar a obra.

Felicitemos a sua direcção. E lamentamos que o povo ainda não soubesse, como desejáramos, corresponder à obra que pouco a pouco se vai levantando. Não perdemos, porém, as esperanças. Melhores dias há de vir.

C. G. T.

Conselho Confederal

Sob a presidência do delegado da U. S. O. da Póvoa de Varzim, secretário do delegado do Sindicato dos Armadores de Marinha e da Federação Marítima, reuniu ontem Conselho Confederal.

No expediente foi lido um ofício da Federação do Calçado, Couros e Peles, acreditando um novo delegado em substituição do anterior; dois da Federação Corticeira, o primeiro acreditando novos delegados e o segundo sobre uma questão antiga, suscitada entre corticeiros e descarregadores de terra e mar, e pedindo a intervenção confederal entre os respectivos organismos para que a mesma questão seja sanada. Resolvido que o comité intervenha, conforme o convite que lhe foi feito. Foi lido ainda um ofício do Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa comunicando que o Congresso da sua indústria se realiza nos dias 3, 4 e 5 de Abril, pedindo a representação da C. G. T. Resolvido em conformidade.

Antes da ordem, o Comité Confederal apresentou várias questões relativas à vida interna da Confederação, sobre as quais se pronunciaram diferentes delegados. Também o Comité se referiu ao facto do camarada Carlos de Araújo ter sido nomeado secretário da U. S. O. de Lisboa, quando sobre o mesmo está pendente um inquérito na C. G. T. e

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Manipuladores do pão

Reuniu a direcção, que se ocupou dos trabalhos a levar à prática com o fim de conseguir um aumento de salário para a classe. A comissão de *démarches* deu conta dos seus trabalhos junto do ministro da agricultura e do governador civil e resolveu convocar a classe em geral para uma reunião que se efectua no próximo domingo, pelas 17 horas, convidando em especial os caixeiros, que muito prejudicados são.

Liga Anti-Alcoólica Evangélica

O sr. Roberto Moreton realiza hoje, às 21 horas, na Rua Angra do Heroísmo, Estelânia, uma conferência contra o alcoolismo, com projecções luminosas, sob o título: *História de um fôro*. A entrada pública.

tranhando que esse facto se haja verificado antes de se conhecer o resultado do referido inquérito. O Conselho resolveu que o relatório sobre esse inquérito seja apreciado numa das próximas reuniões, visto a respectiva comissão ter declarado que o mesmo já se acha elaborado.

Na ordem da noite entrou em discussão o parecer relativo à nova lei do inquilinato. Como a discussão se prolongasse até tarde, foi resolvido suspender a sessão para recomençar amanhã, com a presença do advogado do Conselho Jurídico.

INSÍDIAS DO «SÉCULO»

TENTANDO DETURPAR UMA CLARA DOUTRINA

O artigo de fundo que *O Século* de ontem publicava é mentiroso de princípio a fim. Artigos daquela natureza nem fazem a glória dum jornalista nem mostram a inteireza dum carácter. Há nesses que, sabendo pegar numa pena, apressam em apegar-se à verdade, sempre e apesar de tudo. Outras então nem a sua pena exclusivamente ao serviço da mentira. Pertence a esta segunda categoria o articulista do *Século*, ontem encarregado de perpetrar o editorial. A sua obra é completamente mentirosa. Quis o articulista fazer uma condenação do sindicalismo, mostrando-o como doutrina de sclerados, toda ela impregnada de ódio, consagrada à destruição e ao assassinato, votada ao crime e à violência. O próprio articulista sabe que não é assim. Se ele leu, se ele estudou, saberá que não é assim. De modo que o seu artigo não enferma de ignorância; enferma de perversidade. Baseia-se o articulista em trechos de Georges Sorel, depois de ter representado este escritor como padre-mestre da doutrina sindicalista, para fundamentar a sua tese mentirosa. A primeira falsidade está nisto, pois a verdade é que Georges Sorel, tendo embora proclamado muita verdade, não foi, dentro da agitação operária de França, mais que um mero teórico passageiro, um *dilettante* apenas. Durante a sua curta actividade sindicalista, os trabalhadores franceses escutaram-no e aplaudiram-no. Há nos seus conceitos uma originalidade, uma audácia, um cunho deliciosamente paradoxal, que encanta e prende. Georges Sorel foi ouvido com interesse e com agrado. De resto, trata-se dum sábio, dum homem excepcionalmente culto, dotado de raras faculdades. A própria burguesia, escutando-o, absorvia, não pôde furtar-se a um movimento de admiração. Georges Guy-Grand, o mais notado deputado democrático, se não estamos em erro, escrevia, em 1911, na sua obra *La Philosophie Syndicaliste*:

«Há, neste momento, em Paris, um pensador, ao mesmo tempo filósofo, historiador, economista, matemático, mal conhecido do «grande público»... mas que nem por isso exerce uma influência menos considerável sobre um pequeno núcleo de novos filósofos que seguem com inteligência as suas direcções. Este filósofo ignorado e célebre é o sr. Georges Sorel».

E, mais adiante:

«A filosofia social e, mais particularmente, o socialismo, tem sido até agora obra de intelectuais de educação clássica que apreciavam a produção do alto, sem tomar parte nela: professores, advogados, jornalistas. O que, pelo contrário, distingue o sr. Sorel é o facto de ele ser um homem do *métier*, um engenheiro, vindo tardiamente para a ideologia depois de ter reflectido muito sobre a técnica».

Decorrem alguns meses, e Sorel, terminada a fúria sindicalista, foi como veio, passando para o campo conservador. O sindicalismo ficou onde estava, onde o haviam colocado Pelloutier, Berth, Pouget, Niel, Grifuelhes, Lagardelle, etc. Sorel foi o *dilettante* que passou, brilhando um momento com os seus paradoxos e idéias. Ora Sorel escreveu *Reflexões sobre a violência*. Escriveu muitas mais obras, trabalhos de vulto e erudição, tais como *La décomposition du marxisme*, *L'avenir socialiste des Syndicats*, *L'introduction à l'économie moderne*, *Le système historique de Renan*, *La ruine du monde antique* (concepção materialista da história), etc. O articulista do *Século* dá mostras de conhecer apenas as *Reflexões*. Vai-se ao volume, ceifa aqui e acolá umas frases de efeito, truncadas, incompletas, e pretende cegar com elas a multidão ignorante. Previsivelmente por dois modos: por pretender apresentar como «patriarca» do sindicalismo um filósofo que pelo sindicalismo não fez mais que transitar à pressa; e pela forma como pretende desfigurar a doutrina sindicalista.

«É o sindicalismo um meio de luta? Sem dúvida. Ele agremia as forças operárias e armessas as contra as instituições burguesas, contra o salarismo, que é uma degradação, contra a ociosidade dos parasitas, que é um crime, contra a propriedade privada, que é uma exploração. O sindicalismo, que trecha as massas trabalhadoras, apetece a decisão e de solidariedade para que elas vençam no próximo em confronto contra as forças capitalistas. É uma guerra? Sem dúvida. A guerra dos escravos contra os que os oprimem e exploram. O protesto das vítimas já fartas de miséria e dispostas finalmente a reagir. Esta é a guerra que o sindicalismo prepara e fomenta. Mas esta guerra não a inspira o ódio, como sucede nas horríveis carnificinas que as sociedades burguesas promovem. Esta guerra inspira-a um elevado sentimento de justiça, um arraigado desejo de equidade. Faz-se a todas as horas e já não está longe o combate final. Sairá deste a sociedade harmonica que desejamos, a sociedade em que a exploração do homem pelo homem se não verificará mais, a sociedade em que se não observe a fome, que é um suplício, nem a prostituição, que é uma vergonha. É isso o que nós desejamos. O articulista do *Século* mente quando nos mostra desejosos de transformar a humanidade numa vara imensa de porcos bravos. O que se pretende é exactamente banir das sociedades esses porcos bravos da burguesia, que refocilam insaciáveis, grunhem raivosos e são de tal sordidez que nem podem contemplar o sol do ideal. Assim é que está certo.

NA ALEMANHA

A agitação comunista

Os comunistas querem apoderar-se de Hamburgo, Kiel e Bremen

BERLIM, 29.—Declara-se nos círculos políticos de Berlim que o plano dos comunistas que provocaram o actual movimento revolucionário era apoderar-se dos portos de Hamburgo, Kiel e Bremen.

Teme-se que os comunistas fomentem tumultos em Berlim e nos grandes centros. Crê-se que importantes forças da Reichswehr se dirigem para o norte da Baviera. — *Rádio*.

Um viaduto pelos ares

BERLIM, 29.—Bitterfeld ajuda está nas mãos dos comunistas.

Os comunistas fizeram voar pelos ares o famoso viaduto de Charlottenburgo situado a oeste de Berlim. Os prejuízos foram avaliados em muitos milhões de marcos.

A agitação comunista tem aumentado no distrito de Berlim onde se concentram dezasseis mil soldados de polícia prontos para exercer uma acção mediata. — *Rádio*.

Um comboio atacado

LONDRES, 29.—Dizem de Opper que o comboio que levava soldados ingleses para dominar as rixas na secção do sul do plebiscito da Alta Silésia foi atacado tendo ficado três soldados ligeiramente feridos. — *Rádio*.

A organização do exército vermelho

BERLIM, 29.—Os tumultos comunistas mostram tendências para se alargar para distritos que até agora tinham estado tranquilos, e degenerar em crimes vulgares. A situação em Halle é ainda crítica mas a polícia reforçada pela Reichswehr faz progressos na supressão dos distúrbios. Em Halle duas redacções de jornais foram dinamitadas pelos comunistas que pretendem estabelecer a desordem em vários pontos da cidade, mas perseguidos e dispersados retiraram-se para os arrabaldes e fizeram voar pelos ares a ponte do caminho de ferro de Ammendorf interrompendo as viagens para o sudoeste. A polícia prendeu para cima de duzentos comunistas. No domingo à noite o governo do presidente Hoersing lançou uma proclamação prevenindo a população de que todas as pessoas que fossem encontradas nas ruas armadas seriam imediatamente fuziladas. O presidente ordena também que os estrangeiros abandonem Halle imediatamente.

As operações da polícia e do exército contra o exército vermelho na área revoltada vão sendo seguidas com sucesso tendo sido apreendidas grandes quantidades de dinamite, metralhadoras, es-

pingardas e tendo sido feitos muitos prisioneiros alguns dos quais usam uniformes militares russos.

Diz-se que o exército vermelho está muito bem organizado, dividido em regimentos e comandado por homens com experiência da guerra. No entanto as forças do governo dominam completamente a situação. Ontem foram aprisionados quatro centos comunistas que sofreram além disso cento e cinquenta baixas. Em Bitterfeld, grande centro de produção de linho e de indústrias eléctricas, os comunistas esforçaram-se por proclamar a greve geral; não o conseguindo, o exército vermelho composto de menores tomeu posse da estação de caminho de ferro mas as autoridades conseguiram repeli-lo pouco depois.

Em Leipzig os comunistas pretendem proclamar a greve geral mas os independentes que tem aqui uma grande força organizaram uma guarda para guardar os jornais do seu partido, as cooperativas e para repeli os ataques dos comunistas.

Estes desarmaram a polícia que fazia a guarda do monumento da batalha de Leipzig. Perseguidos de novo pela polícia refugiaram-se numa escola onde tiveram um morto e vários feridos.

A repartição do governo em Wilhelmstrasse em Berlim está barricada desde ontem. Os comunistas pretendem atacar a central eléctrica e impedir o movimento dos comboios.

Na região do Ruhr foi proclamada uma semi-lei marcial. Em Essen houve recorrentes entre os comunistas e a polícia tendo aqueles 12 mortos e vinte e oito feridos. Os comunistas proclamaram a greve geral. Em Dusseldorf as autoridades militares da Entente entraram de novo as armas à polícia alemã para esta combater os comunistas. Grande número de operários opõem-se ao movimento dos comunistas. — *Rádio*.

Greves gerais em várias cidades

PARIS, 29.—Dizem de Berlim com data de ontem, 28, que a greve geral foi proclamada em várias cidades, especialmente em Gotha e Tchernowitz. No Ruhr, a classe operária permanece indiferente; em Berlim reina sossego. Todavia, produziram-se tumultos a leste da cidade, onde houve quatro mortos e muitos feridos.

Os partidos reacçãoários pedem a convocação do Landtag prussiano. O centro e os socialistas majoritários combatem a proposta. — *Rádio*.

Tribunais especiais

PARIS, 29.—Dizem de Berlim que o presidente Ebert autorizou a formação de tribunais especiais para o rápido julgamento dos rebeldes comunistas. — *Rádio*.

Tribunal de Defesa Social

Realiza-se hoje o julgamento de Manuel Ramos

No Tribunal de Defesa Social, instalado no quartel da guarda republicana de Campolide, efectua-se hoje o julgamento dum dos dois processos instaurados contra o operário pedreiro Manuel Ramos, que há longos meses se encontra preso na cadeia do Limoeiro. Foi hoje julgado como implicado no caso da explosão de bombas ocorrida nas escadarias de S. Crispim, que deu a morte ao operário Diamantino Fernandes, sendo-lhe feita, neste processo, a acusação de detentor de explosivos.

Manuel Ramos, em carta que nos enviou, queixava-se de ter sido injustamente alveado, desde que se encontra preso, com as mais torpes acusações, dizendo nos termos salientados na perseguição que lhe tem sido movida vários indivíduos que sabem de ciência certa que ele tem, através de muitos anos, dado o seu esforço para a defesa da República, sobretudo nos momentos em que esta corre perigo.

O Sindicato Único da Construção Civil convidou todos os operários da indústria a assistirem ao julgamento do consócio Manuel Ramos.

Igual convite faz a secção profissional dos pedreiros do mesmo sindicato. — O Núcleo Juvenil Sindicalista de Lisboa convidou todos os jovens trabalhadores e o operariado em geral a assistir hoje ao julgamento de Manuel Ramos.

AINDA DATO

Nova descoberta policial

MADRID, 29.—A polícia conseguiu saber que o dos assassinos do sr. Dato, chama-se Luis Nicolau Fort e não Leopoldo Noble, como se dizia. — *Rádio*.

A taxa sobre a pesca

O ministro da marinha, atendendo às reclamações feitas pelos armadores, vai mandar publicar um decreto alterando a forma de pagamento das taxas sobre pesca.

Na Rússia Vermelha

Um plano sobre taxas a aplicar às indústrias

LONDRES, 29.—Dizem de Moscou que o governo dos soviets estudia o plano de aplicar uma taxa em espécies a todas as indústrias permitindo aos produtores que disponham dos excedentes em livre-câmbio. — *Rádio*.

A GREVE

DOS

Trabalhadores dos jornais

Um autêntico «amarelo»

Há tempos, quando o tipógrafo da Imprensa Nacional, Francisco Barros Maldonado, foi acusado de estar trabalhando no *Século*, traíndo assim os seus camaradas em greve, tanto o visado como o chefe da tipografia daquele jornal e o inspector das oficinas, declararam perentoriamente ser falsa a acusação.

Hoje, porém, há provas que confirmam as suspeitas, o que deu origem a que a Associação do pessoal daquele estabelecimento do Estado nos enviasse a seguinte nota, que ontem foi distribuída na Imprensa Nacional:

Em 10 do corrente a direcção da Associação fez distribuir pelo pessoal uma nota em que se dizia que o tipógrafo da Imprensa Nacional, Francisco Barros Maldonado, isento de responsabilidades quanto à acusação que lhe era feita de traír os camaradas trabalhadores dos jornais, exercendo a sua profissão no jornal *O Século*. Porém, hoje, a declaração da direcção não pode subsistir porque nova e segura informação que a mesma entidade recebeu, e ainda as investigações a que procedemos recentemente provam que o referido tipógrafo trabalha actualmente naquele jornal.

Ante este acontecimento, por todos os modos lamentável, em que transparece um ser miserável que só causa repugnância, a direcção da Associação resolveu suspender de sócio o tipógrafo Francisco Barros Maldonado até que a próxima assembleia o expulsa como elemento incapaz de enfiar-se ao lado de quem é digno.

Trata-se, pois, dum autêntico bandalho, que como tal tem que ser tratado pelas pessoas de bem.

Liga dos Direitos do Homem

Um dos membros do Directório desta Liga foi ontem convidado o dr. sr. Teófilo Braga para presidir à sessão pública que a mesma Liga realiza no domingo próximo, pelas 14 horas, no Ateu Comercial de Lisboa. Como dissemos, usam da palavra o dr. sr. Magalhães Lima, que dirá qual a origem da Liga Portuguesa e a sua função interna e ante as nações estrangeiras o dr. sr. Carneiro de Moura que analisará a nossa situação económica e social, o dr. Agostinho Fortes que se ocupará da instrução pública, dissertando sobre outros assuntos os sr. dr. Carlos de Lemos e D. Maria Clara C. Alves.

Antes da sessão será distribuído o manifesto que a Liga Portuguesa mandou imprimir.

A BATALHA vende-se em Abbeville.

NÃO DURMA O INQUILINATO!

Contra os ardis dos senhores

«A Fraternal dos Inquilinos» do Porto toma importantes resoluções, coadjuvada pela U. S. O.

A acção que a *A Fraternal dos Inquilinos* do Porto, tem desenvolvido no sentido de minorar os transtornos que os inquilinos sofrem, por causa da lei defeituosa e da ganância desmedida dos senhores, é digna de registo. As suas reuniões são sempre concorridíssimas e as resoluções que se tomam, atiladas e úteis.

Realizou-se há dias uma grandiosa assembleia da *Fraternal dos Inquilinos*, em que tomou parte a comissão executiva da União dos Sindicatos Operários do Porto e onde foram tomadas as seguintes resoluções:

1.º Telegrafar ao presidente da república, ao governo e outras personalidades em destaque no actual regime, entre elas, os presidentes das duas câmaras do parlamento, pedindo-lhes que, a fazer-se a projectada reforma da lei do inquilinato, nela seja incluída a doutrina da disposição contida na lei de 17 de Abril de 1919, a que se refere o artigo 100.

2.º Que a União dos Sindicatos Operários de acordo com a União dos Inquilinos e com a C. G. T. promova uma ininterrupta agitação entre a população dos grandes centros, muito especialmente em Lisboa e Porto, no sentido de conseguir do Estado e dos municípios a construção de habitações económicas, como meio mais eficaz de combater a usura dos senhores e sublocatários, ocupadas pelas classes desfavorecidas da fortuna.

3.º Que se dê a maior publicidade possível a esta decisão, enviando-se cópias impressas às entidades a que acima se alude.

4.º Que no caso de doença, falta de trabalho, prisão, ou impossibilidade de trabalhar, e que impossibilite o inquilino de pagar o respectivo aluguer, o senhorio não o possa despedir, devendo serem-lhe pagos esses alugues pelo custo da assistência pública.

5.º Desejando o inquilino possuir a casa, ser-lhe concedido esse direito, podendo pagar mensalmente a importância mínima de um mês de aluguer, para amortização do capital nela empregado, e não a querendo possuir, pagar 10 % sobre o valor primitivo da propriedade, e não esse rendimento para aluguer, obras e decimas. 6.º Quando o senhorio se recusa a fazer qualquer obra que se torne necessária, o inquilino participará à junta de saúde ou outra entidade que superintenda nesses serviços, a qual o obrigará a fazê-la. 7.º Criação de um

Atitude correcta da Câmara Municipal — Um «film» que continua — Um julgamento injusto

A história do documento falso passado por um empregado da Câmara Municipal a Maria José da Costa Brandão ainda não terminou. Há mais episódios, bastante interessantes também.

O inquilino do terceiro andar tem resistido tenazmente. Não quer, e entendo muito bem, que um documento falso, resultado dum suborno, tenha validade como autêntico.

Porém, o mais melindroso da questão é que esse documento falso serviu já de base ao respectivo julgamento, julgamento que foi favorável à senhoria. Apelaram os inquilinos para as entidades superiores da Câmara, que tiveram conhecimento da falsidade do documento. O próprio presidente da Câmara, sr. Joaquim Domingues, interessando-se grandemente pelo caso, tanto mais que lera o protesto da *Batalha*, se pronunciou a esclarecê-lo. Verificou-se que realmente o documento não estava em regra, ordenando imediatamente a suspensão do empregado que, comprometendo a Câmara, favorecera a tal senhora Maria José da Costa Brandão.

Também o vereador sr. Sousa Neves mostrou ultimamente boa vontade em solucionar o caso, tentando por todas as formas que a Câmara Municipal não oferecesse ao inquilino qualquer questão.

O referido empregado vai sofrer uma sanção aos seus actos, sancionada que desejamos não tenha o fim que geralmente tem todas as sanções.

O juiz, dr. sr. Mota Prego, que foi procurado pela comissão de inquilinos, reconheceu que realmente o documento que servira de base ao julgamento não correspondia ao processo da câmara. Não se atreveu, porém, a dizer que o resultado do julgamento era injusto. Veremos se o dr. sr. Mota Prego permitirá que essa injustiça seja levada por diante.

Bem sabemos que a sentença está pronunciada. E' perante este ponto melindroso que o referido juiz hesita. ¿Terá o dr. sr. Mota Prego coragem de fazer executar essa sentença, que só depois de pronunciada se verificou que é injusta? ¿Não terá aquele juiz remorsos ao saber que, vítimas de uma sentença injusta, dum burla dum empregado qualquer, os inquilinos do prédio da tal Maria José vão ficar sem abrigo?

Veremos, veremos. Parece-nos que o caso está bem esclarecido; que nem o público, nem o presidente da câmara, nem o próprio juiz terão dúvidas a tal respeito.

Os inquilinos, no entanto, estão no direito de resistir. Devem resistir. Obedecer a uma ordem de despejo daquele género, é tornar-se cúmplice dum falcatrua.

Tanto que não devem sair que a autêntica decisão da câmara, que há dias publicamos, apenas dá autorização para obras, com a condição dos inquilinos não saírem. Porém, o tal empregado, talvez a troco dum dinheiro, modificou a resolução da câmara no documento falso que passou, pois declarou serem necessárias obras urgentes, não poendo (o que é mentira) as referidas obras serem executadas com os inquilinos em casa.

Foi este documento falso que levou o tribunal a pronunciar uma sentença favorável à senhoria. Tal decisão não pode, não deve ser mantida!

Haja moralidade!

AS GREVES

Polidores da oficina Silvestre Soares

A comissão do Sindicato Único Mobiliário antontem nomeada para entrevistar o empreiteiro Silvestre Soares, efectuou ontem as suas *démarches* junto do mesmo senhor, o qual se mostrou irreduzível em atender as reclamações do seu pessoal. Em face da sua resistência e para deliberar o caminho a seguir, deve hoje reunir em assembleia geral a especialidade dos polidores de móveis.

O arroz, o bacalhau, etc.

Passou já ao rol das coisas esquecidas a leve baixa que no preço destes dois géneros se verificou. Tanto o arroz como o bacalhau de novo entraram a subir. Trata-se de géneros de consumo frequente e quase inevitável. ¿Prescindindo do bacalhau e do arroz, que se comeria nos lares pobres? O pão de segundas, que durante algum tempo, vamos lá com Deus, esteve comestível, inferiorizou-se em qualidade nos últimos tempos e aparece-nos agora escusissimamente, desagradável ao paladar, ordinário, verdadeiramente intragável. O azeite, cada vez escasseia mais. Enquanto tivermos presenças de ministério que não tem pejo de vir defender em público assambarcadores e delinquentes da espécie de Alfredo da Silva, é sabido que a situação não melhorará. Quanto a manteiga, vai pegando a moda de substituir-lapora margarina que é, no capítulo das porcarias, um dos mais capiteados produtos. O peixe tem-se mantido a preços elevadíssimos. O açúcar chegou apenas para fabricar es-

